

Piero, aos setenta e cinco anos, não vive como um reformado

Piero, agregado do Opus Dei, vive em Melegnano, a sul de Milão. Neste testemunho, regressa ao dia em que descobriu a sua vocação, há vinte anos.

20/03/2025

Conheci a Obra através de um amigo que tinha vindo trabalhar para o mesmo banco que eu. Ele propôs-me que fosse a um retiro espiritual.

Passado pouco tempo, tornei-me cooperador. Numa bela tarde, um outro amigo chamou-me à parte e perguntou-me: alguma vez te perguntaste se o Senhor quer alguma coisa de ti? Eu tinha cinquenta e cinco anos. Foi-me apresentada a ideia de uma vocação de agregado: com algum receio, embarquei nesta aventura, confiando no chamamento do Senhor.

Duas vocações diferentes, mas com semelhanças, na mesma família

Cerca de vinte anos antes, uma irmã minha, um pouco mais nova do que eu, tinha sido chamada pelo Senhor a tornar-se Memor Domini, uma vocação ao celibato na família espiritual da Comunhão e Libertação. A nossa família era muito devota, eu sou o sétimo de dez filhos, mas estamos a falar de anos em que não era fácil fazer compreender aos pais uma escolha tão “nova” para

alguém nascido na província na primeira metade do século XX. Uma das nossas tias era freira e, no início, os meus pais disseram à minha irmã que, se ela sentisse que tinha vocação, devia ser freira como ela.

Compreenderam tão pouco a escolha da minha irmã que nem sequer a acompanharam à sua nova casa quando ela se mudou com as outras *Memores*, as suas irmãs de vocação. Eu fui com ela. Quando, pouco tempo depois, viram os frutos espirituais e relacionais, até os meus pais começaram a compreender. Ela cuidava dos pais, das irmãs e dos irmãos quando estes adoeciam. A minha irmã foi enfermeira toda a vida e hoje cuida das doentes em sua casa. Quando pedi para entrar na Obra, ela estava muito próxima de mim, como eu tinha estado muito próximo dela: as duas vocações são diferentes, mas muito próximas em alguns aspectos.

Vinte anos de vocação como agregado

Hoje já estou na reforma, mas não sou *reformado*: três dias por semana, depois da Missa, em cerca de três quartos de hora de carro, chego às dez horas à Via Cosimo del Fante, onde fica a sede da Comissão Regional. Como voluntário, ocupo-me da contabilidade: pagamento de faturas, registo de donativos, balanço de contas, etc. Trabalhei durante trinta e cinco anos num banco, onde me ocupava de muitos aspetos, desde a contabilidade à inspeção, ao registo da instituição, etc.: estou feliz por pôr as minhas competências ao serviço das pessoas de toda a Obra, que é a minha família espiritual.

O meu ciclismo continua, embora agora aos 75 anos. Fiz recentemente a prova Milão-San Remo, um percurso de cerca de 290 km.

A Pequena Ribalta

Há vinte anos comecei como diretor de uma companhia de teatro com cerca de trinta pessoas, a *Piccola Ribalta*. Trata-se de uma realidade nascida no âmbito paroquial, que faz espetáculos em dialeto e em italiano: temos algum sucesso na província da Lombardia.

Nos últimos anos, intensificámos a nossa colaboração com o município para apresentar alguns espetáculos com o objetivo de sensibilizar os idosos para reconhecerem as burlas digitais e ao vivo, com a colaboração das forças da ordem.

Concebemos um formato para explicar, através de pequenos *sketches*, o comportamento correto a adotar em relação às pessoas que sofrem de Alzheimer, encenando primeiro as reações e abordagens erradas e depois as corretas, graças a um guião acordado com um médico especialista na matéria.

Dizer que sim ao Senhor e aceitar a vocação de agregado foi um salto no escuro para mim, mas que me levou a ver a luz: continuei a fazer o que fazia antes, com um espírito novo.

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de <https://opusdei.org/pt-pt/article/piero-aos-setenta-e-cinco-anos-nao-vive-como-um-reformado/> (29/01/2026)